

A arquitetura moderna de Heitor Maia Neto em Recife nos anos 50

Alcilia Afonso de Albuquerque Costa

professora adjunta do curso de Arquitetura e Urbanismo/ DCCA/ CT UFPI
kakiafonso@aol.com

Este texto pretende apresentar a produção arquitetônica do arquiteto Heitor Maia Neto durante os anos 50 na cidade de Recife e suas contribuições no sentido de propor uma arquitetura moderna adaptada aos trópicos, trabalhando com um material de projeto e soluções técnico-construtivas decorrentes de influências do mestre napolitano Mario Russo e da Escola Carioca. Graduado em arquitetura pela Escola de Belas do Recife em 1952, Heitor fez parte de uma turma composta por nomes como Mauricio Castro e Everaldo Gadelha.

Nos primeiros anos de sua atuação profissional, trabalhou com Russo no Escritório Técnico da Cidade Universitária do Recife, absorvendo a base racionalista do professor napolitano. Em 1952, ganha seu primeiro concurso, com o projeto da Biblioteca Pública de Casa Amarela, onde aplica o vocabulário arquitetônico moderno. Participa em 1956, do concurso nacional para a construção do Monumento aos Pracinhas, obtendo o segundo lugar, e em 1959, propõe uma solução arquitetônica chamada “laje dupla”, que buscava solucionar os problemas climáticos criados a partir do uso de lajes planas nos projetos modernos, experimentando-a pela primeira vez na residência Zildo Andrade e posteriormente nas casas José Cordeiro e Tubal Valença.

Paralelamente a tal sistema, o arquiteto propôs outras soluções climáticas, baseado em experiências contemporâneas de arquitetos como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, sempre na busca por adaptar a linguagem moderna à realidade local. Será analisada aqui, sua produção residencial, tipologia mais construída pelo arquiteto no período estudado, como as casas Márcio Araújo, Sérgio Morel, Torquato Castro, Zildo Andrade, José Cordeiro, Gilberto Botelho, Tubal Valença .

A importância do papel de Heitor para a consolidação da arquitetura moderna na cidade de Recife tem sido pouco estudada, sendo por este motivo, objeto de investigação que desenvolvo a cerca dos principais personagens responsáveis por este processo.

Palavras-chave: Arquitetura moderna Recife, modernidade arquitetônica nordestina

This paper tries to present the production architectural of Heitor Maia Neto in the fifties in the city of Recife and his contributions in order to consider a suitable modern architecture to the tropics, working for this with a material of project and decurrent technician-constructive solutions of its influences of the napolitano master Mario Russo and the “ Escola Carioca”.

Graduated architecture at the “Escola de Belas Artes de Recife” in 1952, Heitor was part of a composed group for names as Mauricio Castro and Everaldo Gadelha.

In the first years of its professional performance, he worked with Russo in the University City Technician Office of the of Recife, absorbing of exactly, all the “racionalista” base that the napolitano teacher . In 1952, he was his first award , with the project for the Public Library of “Casa Amarela”, which applies the vocabulary architectural of modernity. He participates, in 1956, at the national competition for the construction of the “Monumento aos Pracinhas”, getting the second place, and in 1959, he considers a solution called architectural "double flagstone", that he searched to solve the climatic problems bred from the plain flagstone use in the modern projects, trying it for the first time in the residence Andrade and later in the “Cordeiro” and “Valença” houses.

At the same time to such system, the architect considered others climatic solutions based in experiences contemporaries of architects as Niemeyer and Costa, always in the search for adapting the modern language to the local reality. It will be analyzed here, his residential production, tipologia more constructed by the architect in the studied period, as the “Araújo”, “Morel”, “Castro”, “Andrade”, “Cordeiro”, “Botelho”, “Valença” houses.

The importance of the work of Heitor for the consolidation of the modern architecture in the city of Recife has been briefly studied, being for this reason, inquiry object who I develop about the main responsible personages for this process.

Key words: Modern architecture Recife, modernity architectural northeastern

A origem da arquitetura moderna na cidade

A arquitetura moderna em Recife teve origem com a atuação do arquiteto carioca Luiz Nunes (1909-1937) que em 1934 foi convidado pelo Governo de Pernambuco para desenvolver uma série de trabalhos junto à Secretaria de Viação de Obras Públicas, fundando ali, inicialmente a DAC (Diretoria de arquitetura e Construção) e posteriormente a DAU (Diretoria de Arquitetura e Urbanismo).

Nunes era consciente do padrão construtivo regional e do empirismo técnico conservador e sem qualificação de mão de obra existente na Região. Tinha então, a pretensão de que os projetos fossem feitos dentro de um critério único, com a intenção de introduzir novos métodos e materiais de construção, desenvolvidos a partir de investigações e ensaios tecnológicos visando a racionalidade dos processos construtivos, o dimensionamento adequado e econômico das estruturas e a funcionalidade da planta, segundo coloca SEGAWA¹ (1998, p.83).

Desenvolveu juntamente com uma equipe de profissionais ² (AFONSO,2001) como Hélio Feijó, José Noberto, Glaus Estelita, Burle Marx, Joaquim Cardoso, Fernando Saturnino de Brito, José Correia Lima, uma série de projetos como a Usina de Lacticínios (1934), Hospital da Brigada Militar (1934), Postos policiais para bairros (1934), Escola para doentes mentais (1934), Restaurantes populares (1935), Escola rural Alberto Torres (1935), Pavilhão de óbitos (1936), Caixa de água de Olinda (1936), Leprosário da Mirueira (1937), entre outros.

Estes projetos além de possuírem todos os critérios adotados pela modernidade, como a racionalização estrutural, plantas e fachadas livres, atenção aos detalhes construtivos, denotam também, uma atenção especial da equipe liderada por Nunes em buscar soluções locais para os problemas climáticos. Os edifícios utilizavam propostas construtivas como paredes soltas do teto, deixando aberturas para a circulação constante do ar; fachadas inteiras de combogós, esquadrias corridas de persianas de madeira ou básculas de ferro com vidro, aplicando materiais que não absorvessem tanto o calor.

¹ SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas do Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Edusp. 1998. p.83

² AFONSO, Alcilia A. **Revolução na arquitetura: Recife, década de Trinta**. Teresina: Edufpi. 2001. Neste trabalho foi realizado um estudo sobre a atuação de Nunes na cidade de Recife, relacionando a produção desenvolvida por sua com o discurso modernista do governador Lima Cavalcanti.

A atuação da equipe de Nunes foi fundamental no processo de implantação da arquitetura moderna na região nordestina, uma vez que Recife, era na época um dos principais pólos educacional e cultural, difundindo para os demais estados os conhecimentos ali produzidos. Sua passagem foi rápida, mas muito produtiva, tendo deixado na cidade a semente para que desenvolvessem a modernidade arquitetônica.

Após sua saída, a cidade passou por um certo período de estagnação nos anos 40, tendo sido produzido muito poucas obras modernas, apesar de significativas, como foi, por

exemplo, o projeto desenvolvido por Fernando Saturnino de Brito para o edifício da Secretaria da Fazenda.

Os anos 50 e o processo de consolidação. Principais acontecimentos

Chama a atenção, a quantidade de fatos que marcaram a década dos 50 na cidade de Recife, relacionados com o desenvolvimento da profissão, que adotava como linha, os princípios da modernidade arquitetônica, inspirados nas propostas dos mestres europeus Le Corbusier, Gropius, Mies van der Rohe, entre outros, mas que tinham como referência a arquitetura produzida principalmente no Rio de Janeiro pelos arquitetos Lúcio Costa, Reydi, Niemeyer, Sergio Bernardes e os irmãos MMM Roberto.

Foram nos anos 50 que chegaram em Recife os professores italianos Mario Russo, Felippo Melliá, o português Delfim Amorim e o carioca Acácio Gil Borsóí. Com exceção de Amorim, que saiu de Portugal buscando por conta própria um novo horizonte profissional, os demais vieram convidados pela Universidade do Recife, para ensinar na Escola de Belas Artes, local que acolhia os nomes dos melhores profissionais da engenharia, das artes plásticas e da arquitetura pernambucana.

Ali eram professores, nomes como os dos engenheiros Pelópidas Silveira, Antônio Baltar, Edgar Amorim; artistas plásticos como Lula Cardoso Ayres, Reynaldo Fonseca, Vicente do Rego Monteiro e Fédora Monteiro; filósofos e historiadores de arte como Evaldo Coutinho, Ayrton Carvalho e José Maria de Albuquerque e Melo. E o interessante é que logo em seguida, alguns ex-alunos já começam a fazer parte do corpo docente, como por exemplo, os arquitetos Mauricio de Castro, Marcos Domingues, Reginaldo Esteves, Heitor Maia Neto e Everaldo Gadelha, dando continuidade aos ensinamentos adquiridos pelos primeiros mestres, e procurando construir um ensino de arquitetura que fosse contemporâneo às tendências mundiais (linhas racionalista e organicista), mas que preservasse a identidade sociocultural local, considerando os aspectos geográficos da região.

Alguns fatos marcaram este período e contribuíram ainda mais para o desenvolvimento e discussão sobre arquitetura na cidade: 1) A criação do IAB, seção Pernambuco, em 20 de junho de 1951, que teve suas primeiras diretorias associadas à Escola de Belas Artes, conforme constatou Laprovitera³ (2002) em pesquisa realizada sobre o tema. Ele fala sobre a existência de um trinômio curso/ profissão/ IAB, dizendo que o próprio grupo de fundadores e primeiros presidentes era composto por inúmeros ex-alunos e professores da Escola de Belas Artes, tais como Antônio Alves Amorim, Achilles Alves Wanderley, Edison Lima, Everaldo Gadelha, Marcos Domingues, Mauricio de Castro, Paulo Vaz de Oliveira,

Waldecy Pinto, Eduardo Burle Ferreira; 2) a realização do V Congresso Brasileiro de arquitetos ⁴ no período de 28 de julho a 5 de agosto de 1957, que reuniu 200 congressistas de diversos estados brasileiros, trazendo para o Recife a vinda da exposição das propostas que concorreram para o plano piloto de Brasília, bem como, os projetos arquitetônicos elaborados por Niemeyer para a nova capital. Esta exposição foi bastante relevante, pois deu a oportunidade para que os arquitetos locais conhecessem as propostas que iriam marcar toda uma época; 3) o concurso público nacional para a nova sede do Instituto de Educação de Pernambuco ⁵ realizado em 1956 e que teve com vencedores os arquitetos Marcos Domingues e Carlos Correia Lima com um projeto de excelente qualidade, que adotou como receituário os cinco pontos propostos por Le Corbusier, mas que infelizmente sofreu alterações no decorrer da obra; 4) a criação da Faculdade de Arquitetura em 1959, realizando um antigo sonho daqueles que faziam parte do curso de arquitetura da antiga Escola de Belas Artes, principalmente o professor Evaldo Coutinho, um dos que mais estava à frente da causa.

Também foi nesta década que começou a serem construídas as primeiras residências modernas, projetadas por Russo, Borsóí, Amorim, Augusto Reynaldo, Heitor Maia Neto, Waldecy Pinto, Paulo Vaz, Florismundo Lins, Mauricio de Castro. Tais residências chamavam a atenção pelas formas plásticas adotadas, utilizando soluções que denotavam a nítida influência da arquitetura carioca, sofrendo, contudo adaptações à realidade local, tanto no que diz respeito ao clima, quanto ao uso de materiais: a madeira substitui o aço, as persianas vazadas de madeira substituem o vidro.

³ LAPROVITERA, Enio. **Por uma História do IAB-PE**. In Jornal do IAB-PE.N.51.Recife. 2002.

⁴ O V Congresso Brasileiro de Arquitetura foi realizado nos dias 29,30 e 31 de junho de 1957 em Recife e foi amplamente divulgado no suplemento dominical do jornal da Folha da Manhã (5 de maio de 1957,n.84).

⁵ Sobre o concurso do Instituto de Educação de Pernambuco, consultar o livro Modulando, de Edison Lima(ver bibliografia).

Tal produção era amplamente divulgada nos jornais da cidade e o arquiteto Edison Lima ⁶ desempenhou um papel fundamental na difusão do profissional e de suas produções nos anos 50, quando esteve como vice-presidente (1956/1957) e presidente (1957 a 1959) do IAB/ PE, divulgando projetos de arquitetos estrangeiros, nacionais e locais, concursos, notícias em geral da área na imprensa local através de colunas dominicais, como a que havia no jornal Folha da Manhã, que circulou no período de agosto de 1955 a junho de 1958, no caderno intitulado “Café, society, letras, artes e moda”. Nesta página, Lima com a contribuição de outros arquitetos, escrevia textos explicativos sobre os projetos

apresentados, ilustrando-os com fotos, desenhos de perspectivas, plantas e fachadas, produzindo um rico material sobre a produção da época.

Os arquitetos imigrantes e suas contribuições

Em 1949, o arquiteto Mário Russo (1917-1996) chega de Nápoles convidado para ser professor da disciplina de Composições Arquitetônicas no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes, e também, para trabalhar como chefe do Escritório Técnico da Cidade Universitária - ETCUR. Graduado pela faculdade de arquitetura de Nápoles em 1942, Russo recebeu uma formação de arquiteto integral (CAMPELO, 2003), onde era colocada para o aluno a importância da pesquisa funcional, estrutural e construtiva para que se pudesse, entendendo ainda arquitetura como arte, responder às novas demandas da sociedade industrial da época. No ETCUR, montou uma equipe formada por alguns de seus melhores alunos do curso tais como E. Gadelha, M. Castro, Heitor Maia Neto, R. Esteves, que desenvolveram juntos com o mestre italiano vários projetos para o campus universitário, entre eles o plano urbanístico da cidade universitária, a Faculdade de Medicina (1949), o Hospital das Clínicas (1951), o Instituto de Biologia Marítima (1952), o Instituto de Antibióticos (1953), entre outros.

Russo atuou como profissional liberal, tendo projetado casas marcantes para a consolidação do moderno na cidade de Recife, como as residências Milton Medeiros (1950), José Couceiro (1954), John Wechgelaar (1954). Pensava que através de pesquisas de dados do programa, estudos climáticos, racionalização de estruturas se podia produzir uma boa arquitetura. Sua obra se caracteriza também por uma racionalização da planta, aplicando módulos que facilitavam a solução estrutural e volumétrica, diminuição de custos e rapidez na execução.

⁶ LIMA, Edison. **Modulando; Notas e Comentários sobre arquitetura e urbanismo**. Recife: Fundação de cultura do Recife. 1985. Lima foi presidente do IAB, durante vários anos da década de 50 e foi um importante divulgador da profissão de arquitetura nos meios locais.

Seus primeiros projetos em Recife ainda denotam uma forte influência racionalista italiana, presa a retícula ortogonal, mas em um segundo momento, observa-se que a paisagem brasileira começa a interferir mais na sua obra, tendo recebido inclusive a influência da escola carioca, que era muito difundida em Recife na época, sendo a principal referência nacional. Russo começa então, a dar especial atenção aos problemas climáticos, realizando estudos de insolação, e propondo elementos construtivos como os “buzinotes”, círculos de aproximadamente 15 cm, que podiam estar localizados em paredes acima do forro, ou mesmo em paredes inteiras, responsáveis pela circulação constante do ar nos ambientes.

Utiliza também o combogó de louça, para compor fachadas e o brise-soleil em fachadas poentes, como no caso do Instituto de Antibióticos, edifício no qual aplicou varias soluções bioclimáticas para uma arquitetura moderna (AFONSO, 2005).

A importância do trabalho de Russo durante os sete anos que esteve em Recife, foi fundamental para a formação dos jovens arquitetos que tiveram a oportunidade de ser seu aluno, e atuar com ele no ETCUR, pois receberam toda a informação racionalista adaptada à realidade local.

Em 1951, o arquiteto carioca Acácio Gil Borsói (1924) é convidado para ensinar a disciplina de Pequenas Composições arquitetônicas no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes, tendo sido indicado pelo seu antigo professor Lucas Mayerhofer⁷. Graduado pela Faculdade Nacional de Arquitetura em 1949, recebeu toda a formação da Escola carioca, tendo trabalhado como estagiário de Alcides da Rocha Miranda e Reidy. Vai para Recife, com a intenção de desenvolver um trabalho que procurasse integrar a arquitetura às suas variantes. Ao chegar para ser professor da Escola, cria uma certa polêmica, pois o consideravam tímido, com pouca experiência didática, mas muito criativo e ágil na prancheta: um arquiteto/ artista ao contrário do racionalista/ técnico que era Russo. Acreditava muito na intuição plástica do arquiteto, e gostava de representar seus projetos com ricas perspectivas externas e internas da obra, não deixando de lado a importância do detalhamento construtivo.

Borsói, aos poucos vai se afirmando como professor e ganhando a admiração de vários alunos e de uma clientela que o apóia, recebendo encomendas para projetar um volume considerável de obras (AMARAL, 2004), que o torna um dos principais personagens da área,

⁷Borsói foi entrevistado pela autora em fevereiro de 2005, onde prestou depoimentos sobre sua formação profissional, seus projetos nos anos 50 e sua atuação como docente no curso de arquitetura da UFPE neste período.

na década de 50 na cidade. Projeta residências como a de Lisanel de Melo Mota (1953), Luciano Costa (1953), sua própria residência em 1954; as casas José Almeida (1955), Dulce Mota (1958); o conjunto residencial da praça Fleming (1954), e edifícios multifamiliares como o Califórnia (1953), União (1953), Caetés (1955), entre tantos outros. Estas obras apresentam em sua maioria novidades programáticas, volumétricas, construtivas, resultantes das constantes investigações que o arquiteto realizava.

Em 1953, Borsói convida Delfim Amorim para ingressar na Escola de Belas Artes e ser seu assistente na disciplina de pequenas composições arquitetônicas, pois já havia recebido recomendações da seriedade e capacidade profissional do português Amorim ⁸.

Delfim Amorim (1917-1972) era português, nascido em Povoá de Varzim, distrito de Oporto, tendo se graduado em arquitetura em 1947. Quando estudante estagiou com Antônio Fortunato de Matos Cabral, e trabalhou durante quatro anos em Portugal, exercendo a profissão de arquiteto, dedicando-se à tarefa de difundir os princípios da arquitetura racionalista através de projetos, palestras, exposições, e artigos de revistas e jornais especializados na área. Foi um dos fundadores da ODAM (Organização em Defesa da arquitetura moderna) e fez parte de um grupo de vanguarda neste país, projetando casas em Povoá do Varzim, Guimarães, Vila do Conde, Elvas, Paredes, Oporto, tendo inclusive obras publicadas na revista portuguesa "Arquitetura" em 1948.

Devido à crise política portuguesa, decide imigrar para o Brasil em dezembro de 1951, onde possuía amigos e familiares que o apoiavam. Em 1953, através de convite realizado por Borsói, ingressa como professor do curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes, sendo responsável pela disciplina de pequenas composições, atuando durante dezenove anos como um dos melhores professores que o curso possuiu, segundo vários depoimentos. Em seu trabalho realizado em Recife, como arquiteto, trabalhou em sociedade com vários arquitetos como Lúcio Estelita, Heitor Maia Neto, Borsói, Carlos Falcão, Armando Ângelo Leal, Cláudio Marinho, entre outros.

⁸ Borsói contou que ficou curioso em conhecer Amorim, devido às boas referências profissionais que recebia do arquiteto português, recém chegado à cidade, conhecido por sua erudição cultural. Desta forma o procurou para fazer pessoalmente o convite, para que Amorim fora seu assistente na cadeira de pequenas composições arquitetônicas, tornando-se depois professor titular da mesma, tendo Borsói assumido a disciplina de grandes composições, em substituição a Mario Russo. Projetou edifícios dos mais diversos usos, mas sua marca inconfundível foi a arquitetura residencial, chegando mesmo a constituir um tipo, conforme coloca GOMES (1995). Nos anos 50, teve um importante papel no processo de consolidação da arquitetura moderna na cidade, pois tanto como profissional liberal, como professor, exerceu forte influência em toda uma geração de alunos, transmitindo os valores e critérios da arquitetura moderna, buscando adaptá-la à realidade dos trópicos.

Exemplos desta sua contribuição, foram as residências Alfredo Lajes (1954), Antônio Lajes (1954), Miguel Vita (1958), Serafim Amorim (1960), bem como, os edifícios Pirapama (1956), Acaiaca (1958), onde o arquiteto procurava soluções arquitetônicas como peitoris ventilados e uso de grandes panos de combogós, para amenizar as altas temperaturas locais.

O trabalho destes arquitetos, como Mário Russo, Acácio Gil Borsói, Delfim Amorim, vem sendo resgatado através de trabalhos de monografias de mestrado, e teses de doutoramento realizadas recentemente. Russo foi objeto de estudo de trabalho realizado por CAMPELO (2003), que investigou sobre sua formação italiana, e sua produção arquitetônica em Recife, realizando uma espécie de inventário de sua obra. Borsói foi estudado por AMARAL (2004) em monografia de mestrado, analisando sua produção baseada em uma classificação proposta pela autora para sua obra que abarca uma fase inicial de sua atuação como arquiteto, e Amorim tem merecido constantes investigações de vários autores, como GOMES (1995), AMORIM (2001), devido ao reconhecimento mais precoce de sua obra por parte do meio acadêmico, e também por afirmações como a de BRUAND (1981.p.145) que escreveu:

“a renovação da arquitetura em Recife é relativamente recente se for deixado de lado o episódio Luis Nunes de 1935 a 1937. De fato, ela ocorreu apenas depois de 1950 e deveu-se ao estabelecimento, na capital de Pernambuco, de dois jovens arquitetos, um vindo do rio, outro de Portugal: Acácio Gil Borsói e Delfim Amorim.”

Bruand neste texto atribui importante papel a Amorim, afirmando que apesar de sua rigorosa formação profissional e conceitual, foi influenciado pelo meio brasileiro que o fez compreender o “perigo de posições teóricas abstratas muito absolutas” (1981 p.147).

A contribuição local: Heitor Maia Neto

Em 1948, ingressou no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Recife, uma turma composta de apenas três jovens, Heitor Maia Neto (1928), Everaldo Gadelha (1930), Mauricio do Passo Castro (1930), que optaram em estudar arquitetura por pura vocação, segundo depoimentos dados pelos mesmos (AFONSO, 2005). Este grupo recebeu atenção especial do professor italiano Mario Russo, que os incentivava tanto como alunos, como

também, os introduzindo na prática profissional através de estágios no Escritório Técnico da Cidade Universitária/ ETCUR. Um dos alunos desta turma, Heitor Maia Neto, será objeto de investigação deste texto, que pretende observar, através da análise de sua obra arquitetônica nos anos 50, as contribuições do mesmo para o processo de consolidação da modernidade arquitetônica na cidade. Mas, por que a eleição de Heitor para esta análise?

AMORIM ⁹ (2002, p.80) escreveu que a introdução do modernismo em Recife ocorreu em diversas variantes e com a participação de diversos profissionais ainda não reconhecidos devidamente, sendo Heitor Maia Neto um destes, e que *“sua obra coincide com o amadurecimento de uma linguagem modernista na região, sendo fundamental o seu conhecimento para a construção de um retrato mais fiel da produção moderna brasileira”*.

Heitor da Silva Maia Neto nasceu em Recife em 12 de outubro de 1928, filho de Heitor da Silva Maia Filho e Marta de Castro Maia. Seu pai foi um dos fundadores da Escola de Belas Artes de Recife, tendo se empenhado ao máximo para montar na cidade o curso de arquitetura, pois apesar de não ser graduado na área, exercia a profissão de arquiteto na cidade, tendo sido responsável por um grande número de obras. Era também, amigo de vários artistas e intelectuais locais, como Mário Nunes, Baltasar da Câmara, Bibiano. Desta maneira, Heitor Neto cresce em um meio familiar que o fez despertar para a carreira de arquiteto, fazendo com que opte por cursar arquitetura, ingressando em 1948 na Escola de Belas Artes. Um pouco antes de seu acesso à Escola, seu pai havia falecido, deixando um grande vazio na vida de Heitor, que terá em seu professor Mário Russo, o incentivo que necessitava para continuar com seus planos profissionais.

⁹ Luiz Amorim em 2001, publicou pela primeira vez, artigo sobre a obra de Heitor Maia Neto na revista AU, fazendo um recorrido sobre sua produção desde sua graduação até os dias atuais (ver bibliografia). Antonio Maia, filho de Heitor, também vem realizando trabalho de resgate sobre a atuação de seu pai, escrevendo textos e divulgando o material do arquivo pessoal para investigadores. Heitor era conhecido por desenhar muito bem, e sempre foi um bom aluno, despertando a atenção de Russo, que desde os primeiros contatos, percebe o interesse daquele jovem estudante. Assim, o convida para trabalhar como desenhista a partir de 1948 no ETCUR, colocando-o como chefe do setor de desenho em 1949, e contratando-o definitivamente como arquiteto a partir do ano de 1952, quando Heitor gradua-se em arquitetura.

Heitor recebeu uma influência direta do pensamento e prática profissional do mestre italiano, fazendo com que o arquiteto considere Russo seu grande mentor e orientador profissional,

pois além da oportunidade de atuar no ETCUR, o convidou para ser professor assistente da cadeira de pequenas composições arquitetônicas na Escola de Belas Artes, como também o indicou para realizar curso de seis meses na Universidade de Sorbonne, Paris, proporcionando-o uma viagem por países europeus que produziam obras modernas.

Heitor em seu trabalho no ETCUR mantinha constantes viagens à cidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de receber orientações a respeito dos projetos que desenvolvia para o campus universitário, e por isto, teve a oportunidade de presenciar o desenvolvimento da Escola Carioca, com obras que o marcaram bastante, como as produzidas por Niemeyer, Reidy, Sérgio Bernardes, Jorge Moreira, entre outros. Sempre atento e informado do que se produzia no país naquela época, Heitor buscava em seus projetos, introduzir elementos plásticos modernos aplicados pelos arquitetos cariocas à arquitetura recifense, adicionando a estas obras, soluções de plantas racionalistas (influência de Russo) com um toque pessoal ao propor sistemas construtivos criados pelo próprio arquiteto.

Como foi visto, sua atuação como arquiteto nos anos 50, começou com o trabalho desenvolvido no ETCUR tendo participado de projetos para os edifícios da Faculdade de Medicina (1949), e o Hospital das Clínicas junto com Russo, Gadelha, Mauricio de Castro, Reginaldo Esteves. Estas obras desenvolvidas sob o comando de Russo, fazem com que Heitor absorva várias influências do mesmo em seu processo projetual, partindo sempre de uma malha de retículas, uma modulação estrutural, uma atenção especial ao detalhamento arquitetônico para solucionar esquadrias, coberturas. Também aprendeu com o mestre napolitano, a buscar soluções climáticas para a sua arquitetura, empregando elementos como buzinotes, pequenos círculos de aproximadamente 15 cm, arrematados em acabamento de louça; e outras soluções tais como paredes que não tocam o teto, ou mesmo, paredes compostas por tubos metálicos verticais que vedam os espaços, mas permitem a circulação constante de ar.

Em Recife nos anos 50, os arquitetos tiveram em sua maioria, encargos de projetos residenciais, uma vez que neste período não havia ainda uma grande demanda por outras tipologias, e os profissionais que estavam se iniciando no mercado, realizavam muitas vezes projetos para familiares ou mesmo, amigos mais próximos. A oportunidade de afirmar-se profissionalmente também era possível, quando surgia um concurso, no qual o profissional pudesse ter a chance de participar e sair vencedor, como ocorreu com Heitor, no caso de sua primeira obra individual, a Biblioteca Popular de Casa Amarela (1951).

A produção arquitetônica mais marcante de Heitor em Recife, na década de 50, foi de fato, as propostas apresentadas para projetos residenciais, como as casas Márcio Rodrigues projetada em 1952 (figura 01); Sérgio Morel, 1954; Torquato Castro, 1954/1958 (figura 02); Zildo Andrade, 1959; Gilberto Botelho, 1959; José Cordeiro Castro, 1960. Os projetos de concursos dos quais participou, como o da Biblioteca Popular de Casa Amarela de 1952 (figura 03) no qual ganhou o primeiro lugar, e do Monumento aos heróis da Segunda Guerra no Rio de Janeiro de 1956 (figura 04), que obteve o segundo lugar, foram também fundamentais para sua afirmação profissional, bem como, o projeto desenvolvido para o edifício multifamiliar 13 de Maio (figura 05).



Figura 01: 3d Casa M.Araújo. 1952



Figura 02: casa Torquato Castro. 1954-58



Figura 03: Biblioteca de Casa Amarela. 1952

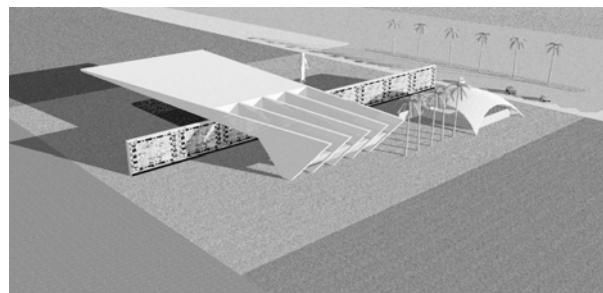


Figura 03: Monumento aos pracinhas. 1956

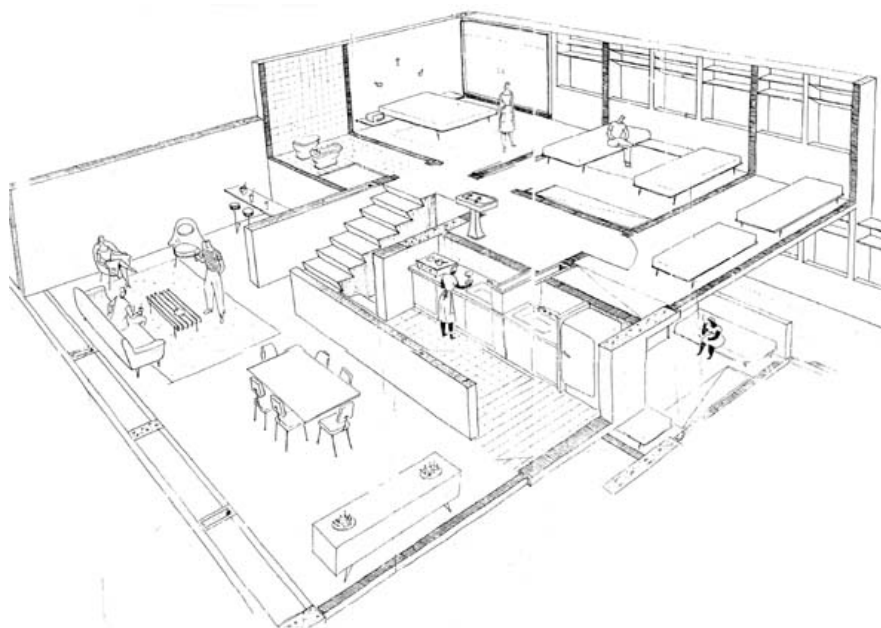


Figura 05: perspectiva interior.Edifício 13 de Maio.

Neste texto serão analisados apenas os pontos de interesse dos seus projetos residenciais, no que é referente, às soluções encontradas pelo arquiteto para adotar um vocabulário universal moderno à cidade de Recife. Contudo, é necessário que seja feito aqui, uma breve explicação sobre seu processo projetual. Sobre este processo disse F. Guerra (in Amorim, 2002, p.81):

“Heitor concebe desenhando a instrumento ou em papel milimetrado, e suas soluções são meticulosas, bem calculadas, ratificam sua formação tecnicista. Concebendo primeiro a planta como mandatária do processo da concepção, cujo volume é resultado de um peculiar domínio do sistema estrutural associado à linguagem vigente do estilo internacional”.

Heitor, em depoimento prestado ¹⁰, disse que para projetar as residências partia do princípio de estabelecer um programa de necessidades amplamente discutido com o cliente, principalmente com a dona da casa, pois segundo ele, *“era a mulher que permanecia mais tempo em casa, sendo, portanto a que mais sabia do que era necessário para o bom funcionamento destas...”*.

10. O arquiteto Heitor Maia Neto foi entrevistado pela autora em fevereiro de 2005, tendo falado sobre sua formação, influências e obras nos anos 50.

Para a implantação da proposta no terreno, elaborava uma reticula modulada, considerando também, a orientação climática que o levava a setorizar a área social, privada e de serviços, de acordo com a necessidade de insolação e ventilação das mesmas. Para ordenar o programa à planta, trabalhava sempre que possível com a articulação espacial, jogo de planos através de desníveis, busca de espaços transparentes conseguidos através do uso de panos de esquadrias de vidro e persianas de madeira.

Alguns colaboradores que trabalharam com Heitor prestaram depoimento a Amorim (2002, p.81), tal como W.Tinoco, que disse que *“ele rompe o espaço, com volumetria ousada e irreverente, paredes que se lançam emergindo dos volumes, lapidando-os por dentro e por fora, e que o considera o mago das tramas, além de desenvolver encaixes precisos dos diversos elementos de um edifício”*.

As casas de Heitor apresentam programas típicos das necessidades de famílias da classe média de Recife, observando-se nas soluções, plantas compostas de três áreas: social, privada e serviço. A área social composta sempre de vestíbulos tratados como pequenas varandas, estar integrado à sala de jantar, e muitas vezes, a presença de um escritório, onde o proprietário podia exercer sua atividade profissional, como médico, advogado. Observa-se ainda nestes programas, a existência de quartos de costura dedicados à dona da casa, visto que neste período, muitas delas, não trabalhavam fora, passando o dia cuidando dos afazeres domésticos, sendo a costura uma destas atividades.

Na área privada estavam os quartos, quase sempre em número de três, servidos normalmente por um banheiro comum para os filhos e um outro exclusivo para o casal. Muitas vezes o arquiteto propôs varandas exclusivas para estes dormitórios voltados para pátios, como nas casas Sergio Morel e Torquato Castro (figuras 06 e 07).

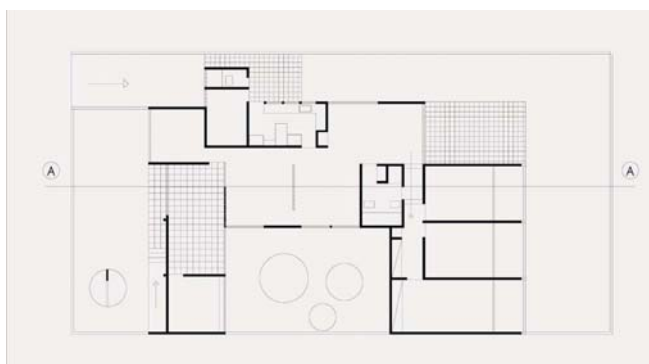


Figura 06. Planta baixa.Casa S. Morel

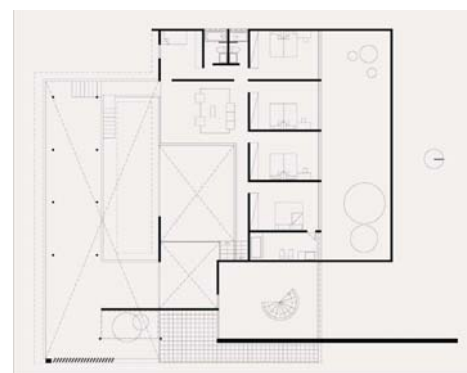


Figura 07. Planta baixa.Casa T. Castro

Na área de serviços aparece sempre a garagem anexada ao corpo da casa, dependência completa de empregados, com quarto, banheiro e lavanderia. Era muito comum neste período, os empregados viverem na casa, visitando seus familiares em feriados ou datas simbólicas da família. Por isso, estas plantas sempre apresentam áreas destinadas à empregada, como corpos pegados à residência, mas isolados e muitas vezes com acesso independente.

Para resolver tais programas, Heitor propôs plantas moduladas em desníveis, tratando de por em cada nível, determinada área da casa. Elegia sempre o nível mais baixo para a área de serviços, o intermediário para a área social e o superior para os dormitórios. Além disso, tentava situar a área social e íntima direcionadas para o leste, nordeste ou sudeste, posições que recebiam uma melhor ventilação, deixando as áreas de serviço e banheiros orientados para oeste, para receberem o sol da tarde, e higienizar mais a casa.

Procurava dar uma maior atenção e uma certa monumentalidade à área social, propondo pés-direitos duplos, presença de jardins de inverno tratados com pérgulas, localizando ali rampas ou escadas. Mesmo nas casas mais simples, como na residência Márcio Araújo e na Zildo Andrade (figuras 08 e 09) Heitor procurou esta diferenciação de tratamento espacial. Propôs em muitos de seus projetos a localização de escritórios em mezaninos, de onde se tinha uma melhor visão da casa. Estes espaços sociais resultam transparentes, integrados com o exterior através da utilização de grandes portas e janelas de vidro, como por exemplo, na solução empregada na planta baixa da casa José Cordeiro Castro (figura 10).

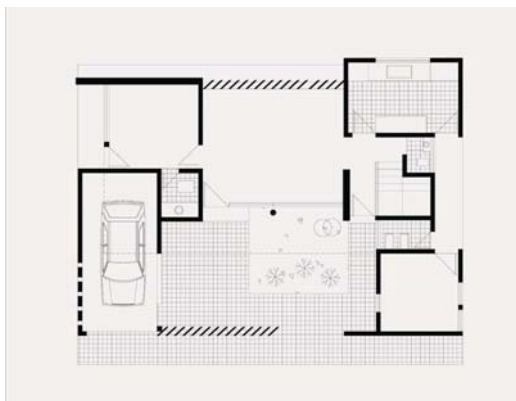


Figura 08. Planta baixa casa M. Araújo. 1952

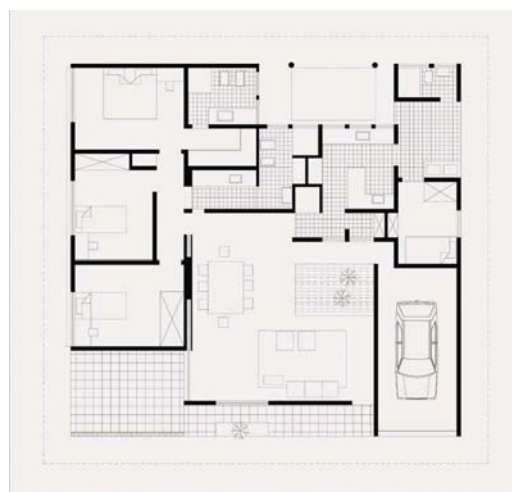


Figura 09. Planta baixa casa Z. Andrade. 1959

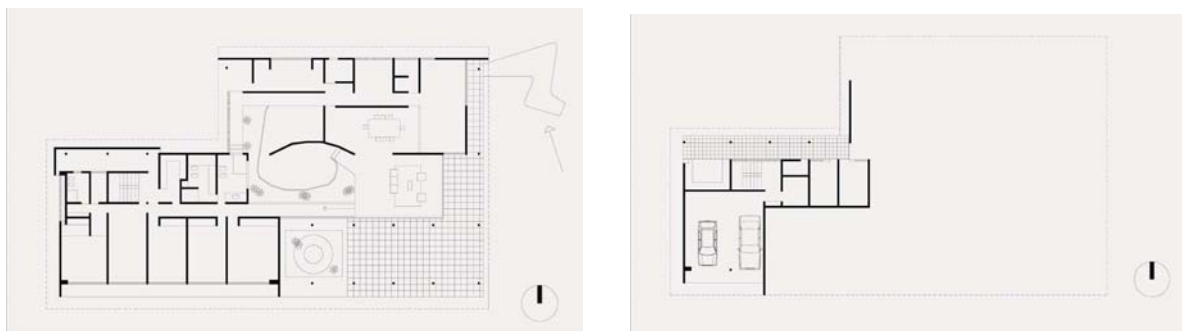


Figura 10.Planta baixa do pavimento superior e térreo da casa José Cordeiro Castro. 1960

Os quartos em seus projetos aparecem seguindo uma modulação, quase sempre de 3.00 m de largura, sendo iluminados e ventilados por grandes janelas de correr em persianas de madeira. Como não havia nesta época ar-condicionados, procurava soluções construtivas que tentassem melhorar as altas temperaturas locais: entradas e saídas de ar, através de grandes janelas, portas com perfurações superiores, utilização de buzínates.

A utilização de uma retícula modulada foi utilizada tanto em solução em planta, quanto em fachada, onde se observa um jogo de encaixes volumétricos tão bem exemplificados nos projetos da casa José Cordeiro Castro y Gilberto Botelho. Os volumes propostos por Heitor, muitas vezes flutuam do solo, devido à solução construtiva que utilizou na casa Sérgio Morel, José Cordeiro Castro e Gilberto Botelho, em utilizar uma base mais elevada para construir a casa, deixando uma parede recuada em relação ao alinhamento da linha do piso.

Predomina uma certa horizontalidade volumétrica em seus últimos projetos residenciais dos anos 50, resultantes da utilização de lajes planas, onde aplicava a solução construtiva da laje dupla.

Heitor usou pela primeira vez o sistema construtivo da laje dupla ¹¹ na casa Zildo Andrade, projetada em 1959. Este sistema consistia em uma solução de cobertura composta de duas lajes: uma primeira, que absorvia o calor solar e a outra, a chuva: propôs uma laje em concreto armado apoiada em pilares tubulares metálicos de 10cm, com uma altura de 30 cm, que por sua vez, se apoiavam em uma outra laje plana, que servia de forro para os cômodos da casa (figura 11 e 12).

¹¹ Heitor começou a desenvolver tese sobre a laje dupla, que iria ser apresentada para seu acesso como professor titular do curso de arquitetura da UFPE, não chegando a concluir a mesma, tendo contudo, adotado a solução em vários projetos.

O espaço criado entre estas lajes funcionava assim, como um colchão de ar, permitindo que o vento circulasse sempre, criando-se assim, um bom conforto térmico nos ambientes da casa. Além disto, o arquiteto propôs um grande beiral de 1m em volta de todo perímetro da casa e com a finalidade de dar maior leveza a esta coberta, Heitor adotou a cor preta no revestimento dos pilares.

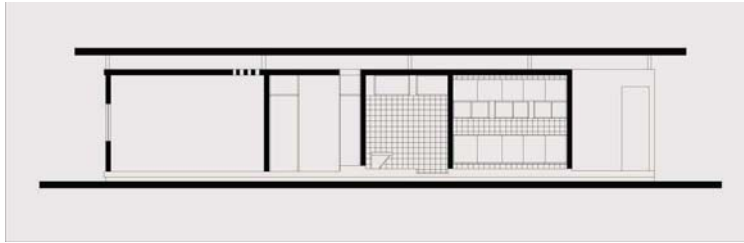


Figura 11. Corte esquemático. Casa Zildo Andrade. 1959

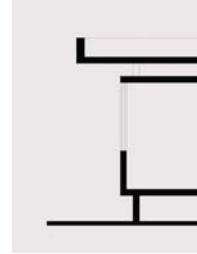


Figura 12: detalhe laje dupla

Emprega ainda esta solução da laje dupla, em um outro projeto, a casa José Cordeiro Castro (1960) e anos mais tarde na casa Tubal Valença (1969). A casa José Cordeiro Castro (figura 13 e 14) projetada no bairro de Boa Viagem, mas que infelizmente foi demolida, tratava-se de um de seus melhores projetos desta fase, pois nela, o arquiteto aplicou todos seus critérios projetuais, no que é referente ao uso da reticula modulada, tanto para a planta quanto para estudos de fachadas, uso de laje dupla, pátios internos, uso de rampas internas e adoção de materiais construtivos que caracterizaram sua obra, como a pedra, esquadrias de madeira, revestimentos cerâmicos nas cores vermelha e amarela. A planta desta casa apresentava uma nitidez espacial referente a seus usos, sendo muito bem delimitado, através do jogo de planos criado pela setorização de áreas, que tinha como ponto de interligação o jardim central.

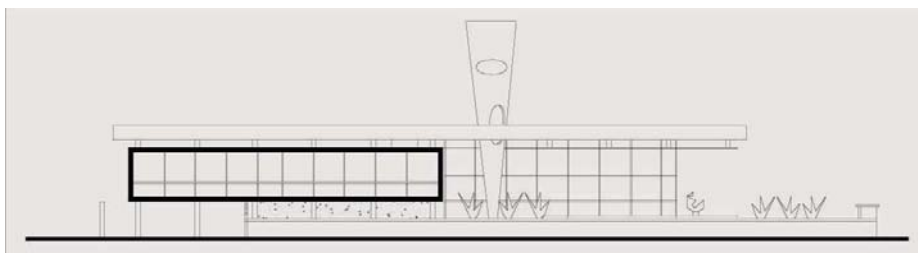


Figura 13. Fachada Sul. Casa José Cordeiro Castro. 1960

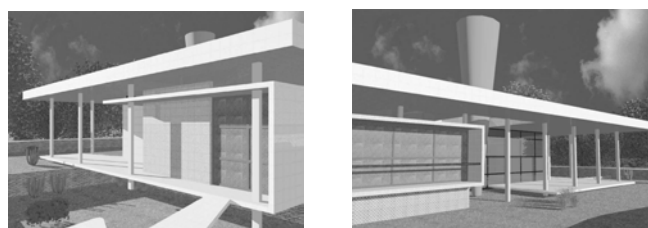


Figura 14. 3D. Casa José Cordeiro Castro. 1960

Em 1969, Heitor projeta a casa Tubal Valença estando sócio nesta época com Delfim Amorim. Neste projeto, observa-se a forte marca da arquitetura de Heitor, presente na adoção de suas soluções plásticas e funcionais, citadas anteriormente. O resultado volumétrico (figura 15) proposto por Maia para esta planta foi um volume muito similar ao adotado em outras proporções à casa Zildo Andrade: uma caixa quadrada, solta do solo, coberta por uma laje de aspecto flutuante, utilizando o sistema da laje dupla.

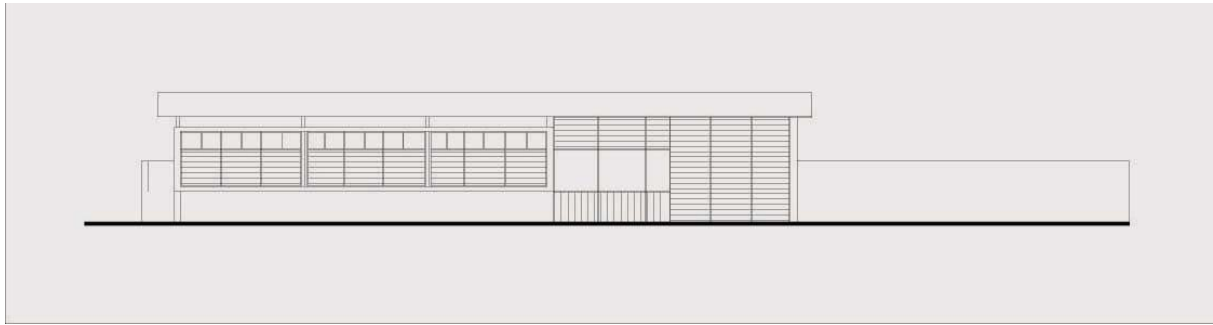


Figura 15. Fachada Leste da casa Tubal Valença. 1969.

O que se pode observar nestes projetos, é que mesmo utilizando elementos universais da modernidade, Heitor adota soluções construtivas e plásticas que criam um aspecto regional à obra: beirais protetores da insolação e chuvas, varandas, esquadrias em persianas de madeira, aplicação de materiais locais, como pedras, azulejos. O resultado de uma modernidade regional, que se torna atemporal: a casa construída em 1969, poderia ter sido construída em 59, ou mesmo em nossos dias.

A solução da laje dupla pode ser considerada sua mais importante contribuição arquitetônica, uma vez que, nenhum outro profissional local, trabalhou com tal sistema, que mesmo possuindo um custo elevado proporcionava ao espaço projetado uma melhoria climática considerável, além de criar uma leveza nas fachadas, deixando solta a cobertura do corpo da casa.

Observa-se na obra de Heitor neste período uma busca constante de soluções construtivas inovadoras, além de estar sempre tentando trabalhar integrando arte com a arquitetura. Em quase todos seus projetos estudados há esculturas ou painéis artísticos murais em cerâmica ou pintados diretamente nas paredes. Artistas como Hélio Feijó, Corbiniano Lins, Reynaldo Fonseca, Lula Cardoso Ayres estão sempre presentes em sua obra (figura 16).



Figura 16. Detalhes do painel de Augusto Reynaldo e sanca de iluminação do mesmo.
Casa T. Castro. 1954-58.

A contribuição de sua obra nos anos 50 foi fundamental para a consolidação da modernidade arquitetônica em Recife, mostrando que sua formação e atividade profissional, como arquiteto e professor, sua criatividade, seu caráter inquieto, o proporcionou ser considerado, juntamente com Russo, Amorim y Borsói, um dos principais personagens responsáveis deste processo na cidade.

Bibliografia:

AFONSO, Alcilia A. Costa. **Revolução na arquitetura: Recife, década de Trinta.** Teresina: Edufpi. 2001.

AFONSO, Alcilia A. Costa. **Mario Russo, Instituto de Antibióticos, Recife, 1953** in Documentos de Arquitectura Moderna en América Latina 1950-1965. Segunda recopilación. Barcelona: ICCI, UPC. p: 196-203. 2005

AMARAL, Isabel. **Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsói. Obras e Projetos Residenciais 1953 a 1970.** Natal: UFRN (monografia de máster). 2004.

AMORIM, Delfim. **Delfim Amorim arquiteto.** Equipe: Djanira Oiticica... et alli. Recife: IAB/PE. 3ª. Ed. 1991.

AMORIM, Luís. **Documento Heitor Maia Neto. Revelando sinais da História.** AU. N.101, p:79-85. 2002.

BOTEY, Josep. **Oscar Niemeyer.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 1996.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil.** São Paulo: Ed. Perspectiva. 1981.

CAMPELO, Renata **Mario Russo. Um arquiteto racionalista.** São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (monografia de máster). 2003.

CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era Moderno: Guia de Arquitetura.** Rio de Janeiro: Aeroplano. 2001

Curriculum vitae do arquiteto Heitor Maia Neto (cedido pelo mesmo).

Folha da Manhã. Página **Arquitetura.** Publicada em dezembro /1955. Recife. 1955.

GOMES, Geraldo. **Documento: Delfim Amorim.** Revista AU. 57.p: 71- 79.1995.

GUTTEMBERG, Samantha. **Arquitetura Moderna na Mata.** Revista Sim. N.34, p:28-32.2004.

Heitor Maia Neto. Revista Arquitetura e Engenharia. Maio /junho 1956.N. 40, p: 14-15.

LAPROVITERA, Enio. **Por uma História do IAB-PE.** In Jornal do IAB-PE.N.51.Recife. 2002.

LIMA, Edison. **Modulando; Notas e Comentários sobre arquitetura e urbanismo.** Recife: Fundação de cultura do Recife. 1985.

MAIA, A. Carlos. Heitor Maia Neto. Recife: mimeo. 2001.

MAIA, A. Carlos. **Heitor Maia Neto: residências da década de 50.** Recife: mimeo. 2005.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas do Brasil: 1900-1990.** São Paulo: Edusp.1998.

WISNIK, Guilherme. **Espaços da Arte Brasileira /Lúcio Costa.** SP: Cosac & Naify.p: 80-85. 2001.

